



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a alegoria da caverna no livro VII do diálogo platônico República e sua relação com a paideia (a educação, o processo educativo) face ao processo de formação do educador. Para tal, nossa abordagem perpassará as questões que relacionam a educação e a sociedade buscando apresentar sua relação intrínseca, em que a falta da primeira implica em uma dilaceração da segunda. Trataremos da imagem da alegoria enquanto paideia versando sobre a condição humana e seu processo formativo. Posteriormente, compreenderemos a via para o abandono das ilusões em busca da verdade que a alegoria nos propõe e a importância da paideia como conversão que preparará o melhor da alma do educador rumo ao saber, a ideia do Bem. Após essas tratativas, discutiremos sobre o quão imprescindível é a boa formação dos educadores e quão nociva esta pode se tornar caso não seja realizada de forma adequada e como o profissional de educação tem se relacionado com as problemáticas do meio e a falta de atenção do governo. Por fim, ao tratarmos dos exercícios de reflexões propostos, a questão que nos guiará é o pensar sobre as implicações para o educador e se seu papel tem levado à missão de libertador dos indivíduos de seu estado de ignorância.

Palavras-chave: Platão. Educação. Educador.

The allegory of the cave and education in Plato: the educator as the liberator of ignorance

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the allegory of the cave in book VII of the Platonic dialogue Republic and its relationship with paideia (the education, the educational process) in the face of the educator's training process. To this end, our approach will go through the issues that relate education and society, seeking to present their intrinsic relationship, where the lack of the first implies a tearing of the second. We will deal with the image of allegory as paideia dealing with the human condition and its formative process. Later, we will understand the way to abandon illusions in search of the truth that allegory proposes to us and the importance of paideia as a conversion that will prepare the best of the educator's soul towards knowing, the idea of Good. After these discussions, we will discuss how essential is the good training of educators and how harmful it can become if it is not carried out properly and how the education professional has been related to the problems of the environment and the lack of government attention. Finally, when dealing with the proposed reflection exercises, the question that will guide us is to think about the implications for the educator and whether their role has led to the mission of liberating individuals from their state of ignorance.

Keywords: Plato. Education. Educator.

* Graduação em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (2021). Atualmente cursa Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Uniube. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, filosofia da linguagem, filosofia da educação, escrita, coerência e coesão. E-mail: elvesboteri@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1193744923240643>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9928-7202>.

A educação e a sociedade: uma questão

Temos como primeiro instrumento fundamental da formação humana a educação, que promove e liberta o homem de sua ignorância. Para Platão (*Rep.* 518d¹), educação é “a arte do desejo do Bem”. Conforme Teixeira (1999), para os que desejam alcançar o saber elevado, o Bem é a condição necessária para se chegar a este conhecimento, e Platão acrescenta (*Rep.* 509b):

O mesmo dirás das coisas inteligíveis, que não devem apenas ao bem sua inteligibilidade, mas devem-lhe ainda o ser e a essência, conquanto o bem não seja de forma nenhuma a essência, mas esteja muito acima desta dignidade e em capacidade.

Teixeira (1999) diz que esta é a essência da metafísica e da teoria do conhecimento de Platão e que uma está ligada a outra, sendo inexplicáveis separadamente, assim como não se pode compreender sua teoria educacional sem ambas.

A *paideia* é focalizada a partir do ponto de vista do homem: por meio da educação pode transformar e purificar sua alma, em vista da contemplação do Bem Supremo. [...] Buscar a visão do bem torna-se o fim da existência humana. Atingi-la, porém, é tarefa de uma educação adequada [...]. (TEIXEIRA, 1999, p. 62).

Em paralelo a alegoria, enquanto os prisioneiros se encontram na caverna, a condição do Ser se encontra no nível da ignorância. Mas quando o prisioneiro conhece sua verdadeira natureza humana, quando alcança o nível do Bem, ele se torna sábio. A situação dentro da caverna simboliza o mundo sensível, sendo perceptível apenas pelos sentidos. O alcance do verdadeiro conhecimento está na transgressão do prisioneiro no sábio, pois “a ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível” (JAEGER, 2013, p. 893).

¹ As referências a Platão seguirão o modelo clássico.

Este prisioneiro que se torna sábio se transforma no educador, pois assume a missão político-pedagógica da transformação da realidade, pois possui consciência crítica que incomoda quem deseja manter a alienação na educação.

Para a concretização da devida reflexão, vamos utilizar a alegoria da caverna de Platão traçando um paralelo sobre a condição da educação como caminho para pensar o educador como libertador da ignorância. Refletiremos sobre esse processo junto a sua formação, procurando analisar os aspectos de sua prática educativa e compreender sua realidade, condicionamento e contradições.

A alegoria da caverna

A alegoria da caverna de Platão se encontra no livro VII da *República* e consiste numa analogia entre a caverna como um estado de *agnosis*², e o sair da caverna para a luz como aprendizado da verdade através do uso da razão.

Platão inicia a alegoria através de uma imagem construída por Sócrates para explicar a seu interlocutor, Glauco, o processo pelo qual o indivíduo passa ao se afastar do mundo do senso comum, rumo ao mundo da busca pelo saber. É este precisamente o percurso do prisioneiro até transformar-se no sábio. Esse sábio, por sua vez, se torna o educador, devendo depois retornar à caverna para cumprir sua tarefa político-pedagógica de indicar a seus antigos companheiros o caminho da libertação.

Na caverna existem prisioneiros acorrentados e como suas cabeças estão voltadas para a parede, só conseguem ver as sombras projetadas, espectros que pertencem a quem passa na entrada da caverna. Como estão presos desde a infância, pensam que as sombras são a realidade, pois sempre que ouvem sons e vozes veem também as sombras passando na parede.

Após caracterizar a situação dos presos na caverna, Sócrates fala sobre a fuga de um dos prisioneiros e sobre seu contato com a luz do sol pela primeira vez. O filósofo afirma que o fugitivo ficará deslumbrado com a luz, pois está acostumado com a escuridão. No início, o fugitivo julga ser falso o que vê e acredita que as sombras

² Ignorância e desconhecimento total.

que vislumbrou a vida toda é que são a verdade. Estando seus olhos habituados a escuridão, demorará para que fiquem menos ofuscados pela luz e para que ele consiga diferenciar os objetos à luz do sol. Desta forma, ao passar do tempo, começará a perceber que a luz do sol que o faz ver tudo tal como é, fazendo assim uma analogia com a razão que nos leva a ver a verdade. Passado algum tempo, ficará ressentido por seus companheiros que seguem presos na caverna, símbolo da *agnosis*. Além disso, o prisioneiro, por ter visto a verdade, “[...] preferiria ser o mais humilde jornaleiro do mundo da luz do espírito a ser o rei daquele mundo de sombras” (JAEGER, 2013, p. 892).

Sócrates continua seu diálogo e diz que o fugitivo volta a caverna para contar aos que ainda estão presos o que viu; fez isso sabendo a importância de ver o mundo tal como ele é, porém, como se habituou à luz que simboliza a inteligência, ele leva algum tempo para se acostumar com a escuridão da caverna novamente, assim como alguém que possui uma inteligência aguda tem dificuldade para entender a ignorância da sociedade. Ao tentar avisar seus companheiros sobre o que viu e sobre o fato de as sombras na parede da caverna serem apenas projeções, simulacros e/ou representações de um mundo real que a extrapola, o liberto vira alvo de piadas e corre o risco de ser morto pelos prisioneiros que não lhe dão créditos e que se incomodam com suas palavras. Esse exemplo materializa exatamente o que acontece com as pessoas lúcidas que tentam alertar a sociedade a respeito de sua forma ignorante de ver o mundo.

Ao fim da apresentação da alegoria, Sócrates começa a fazer as explicações das analogias, diz que sair da caverna significa ter acesso ao mundo inteligível, que é aquele que está além dos sentidos e que só pode ser acessado através da razão. Ter acesso a esse mundo é evitar os enganos que os sentidos podem nos impor; assim como acostumar-se à luz é doloroso para quem viveu na escuridão por muito tempo, o aprendizado do verdadeiro Bem também provoca dor. Mas ao enxergar a verdade e o Bem, é difícil retornar o interesse pelas coisas banais do cotidiano, da mesma forma que foi difícil para o fugitivo que viu a luz voltar para a caverna.

Tendo concluído a fala sobre a explicação da analogia da caverna, Sócrates começa a analisar o ideal da educação. O filósofo diz que todos nascemos com a capacidade de aprender, mas que o aprendizado da verdade requer tempo e prática.

Segundo o pensador, a educação é a arte de elevar a alma acima dos erros humanos. Todos nascemos com olhos, mas é a educação moral e a prática da razão que vão direcionar a visão para a busca da verdade e do Bem. Tanto é verdade que nascemos com capacidade de aprender, mas não trazemos do berço os valores morais. Para Sócrates, embora existam pessoas com alto potencial de aprendizado, muitas delas utilizam esse potencial de maneira corrupta. Isso ocorre porque as pessoas não disciplinaram suas almas desde a juventude para evitar os sentimentos egoístas, o que impede a todos de encontrar o bem e enxergar a verdade com clareza.

Após introduzir sua ideia sobre a educação, Sócrates relaciona sua importância para a construção de uma política mais justa. Diz ainda que as pessoas mais habilidosas evitam a política por não querer perder tempo com questões coletivas, e quando se voltam para a política, apenas o fazem para buscar vantagens pessoais. O filósofo afirma ainda que é necessário fazer com que as pessoas com maior potencial se voltem à política e evitem que suas almas se corrompam, porque buscar o bem coletivo não é uma questão de escolha, e sim um dever. Deste modo, Sócrates diz que é preciso direcionar as pessoas com potencial para usarem bem seu intelecto, assim como obrigá-las a compartilharem o que sabem. Temos aqui uma retomada do exemplo do prisioneiro que retorna à caverna. O pensador não vê como problemática a questão do obrigar, pois segundo Sócrates, a função da lei é gerar o bem-estar coletivo, ao invés de permitir que cada um pense apenas em si, pois a função das pessoas é fazer o que é melhor para o Estado. Assim, ele amarra a escola ao ideal de Estado dizendo que, da mesma forma como as pessoas inteligentes aprenderam com alguém, e somente chegam a um certo nível intelectual porque alguém as ensinou, também é seu dever ensinar outras pessoas a saírem da caverna.

O texto platônico versa sobre a condição humana sem estar submetida ao processo educacional – em um primeiro momento – e toda a alienação provocada pela falta do conhecimento racional e crítico perante a realidade. O trajeto do homem é buscar o mundo das ideias e abandonar o mundo das ilusões, pois o nível dos sentidos conduz o homem ao engano da realidade e, por isso, a educação é objeto importante e constante em Platão, sendo ela responsável pela libertação do homem das ilusões, tornando-o capaz de buscar o verdadeiro bem.

Em suma, a alegoria exemplifica a imagem de um processo formativo, de um processo educativo que tem forte impacto na vida do indivíduo e, conseqüentemente, na composição da cidade.

O processo de transformação: da *pistis* à *epistème*

Na alegoria da caverna há a proposta do abandono das ilusões em benefício da busca da verdade. Nesta perspectiva e para um melhor desenvolvimento da nossa argumentação, destacamos alguns dos níveis que nos valem para este abandono:

(i) O nível ontológico está relacionado ao estudo do ser, significando na alegoria a divisão da realidade “segundo a qual aquilo que está dentro da caverna seria o mundo material e aquilo que está fora o mundo suprassensível” (ANTISERI; REALE, 2007, p. 163). Desta forma, as sombras estão relacionadas ao mundo material, às coisas sensíveis em si mesmas, já o mundo suprassensível representa a realidade externa à caverna, o mundo das ideias.

(ii) No nível gnosiológico nos deparamos com o conhecimento sensível e o intelectual, sendo que o primeiro não é fonte de condução à verdade, pois o que se observa são apenas sombras, simulacros e/ou representações do mundo verdadeiro. Já o segundo é o estado de verdade, pois atinge o mundo das ideias e contempla o Bem através da razão, enquanto via de libertação do homem da *pistis* (nível elementar do conhecimento).

(iii) Na concepção política nos deparamos com a responsabilidade sobre o conhecimento, pois todo saber adquirido deve ser direcionado a serviço da transformação da realidade “porque implica um retorno à caverna de quem tinha conquistado sua liberdade, por solidariedade com os companheiros ainda prisioneiros, e com a finalidade de difundir a verdade” (ANTISERI; REALE, 2007, p. 163).

A partir disto, no percurso em busca da verdade e do conhecimento, passamos por quatro planos: *doxa* – opinião ou crença relacionada ao conhecimento passivo em face aos nossos sentidos, hábitos e percepções, sendo subjetivo e convencional; *eikasía* – representação ou fantasia com o sentido de cópia da coisa sensível, tendo sua conjectura a partir das imagens ou reflexo das coisas; *diánoia* – pensar e conhecer que permite romper com o mundo da imagem e da crença levando ao contato do

intelecto com a essência das coisas, operando assim por meio do raciocínio a partir do conhecimento hipotético-dedutivo; *noesis* – contemplar onde se atinge o conhecimento das essências, da Ideia, do mundo Inteligível (JAEGER, 2013, livro III, cap. 1 e 2). E mais:

Platão explica ainda que tanto a opinião (*doxa*) como a ciência (*epistème*) realizam-se em dois graus: a opinião se divide em simples imaginação (*eikasía*) e a crença (*pistis*), enquanto a ciência se desdobra em ciência intermediária (*diánoia*) e em inteligência pura (*noesis*). A cada grau ou forma de conhecimento corresponde um grau ou forma de realidade e de ser (ANTISERI; REALE, 2007, p. 148).

Quem deseja alcançar a verdade/conhecimento examinando somente o mundo empírico – o mundo físico – está condenado à ignorância, pois conseguirá apenas criar uma mera opinião e não desenvolver o conhecimento propriamente dito. Precisamos perpassar a dupla realidade que nos envolve e fazer o movimento de saída do mundo visível em direção ao mundo inteligível em busca do conhecimento verdadeiro.

O mundo visível, captado pelos sentidos, recebe este epíteto, pois é através da visão – esta sendo o mais nobre dos sentidos – que podemos compreendê-lo. Esta categoria nobre existe “porque os olhos necessitam da luz para ver e a luz é digna de respeito num sentido muito especial” (JAEGER, 2013, p. 878).

Luz esta que advém do Sol, de onde resulta que o homem possa ver com nitidez o que é visível.

[...] a *causa* à qual os olhos devem o poder de ver e, portanto, a visibilidade para eles do mundo exterior, é aquela dos deuses do céu que nos envia a sua luz: Hélios. [...] a capacidade de ver provém principalmente da luz que o Sol difunde e que banha aquela, do exterior. Graças a ela podem os olhos ver o próprio Sol que, no entanto, não é a visão, mas a fonte da luz e, portanto, a causa de toda a visão (JAEGER, 2013, p. 878).

O Sol figura como a Ideia do Bem (*Rep.* 509a) que difunde a luz da verdade sobre o conhecimento, possibilitando no mundo sensível nosso entendimento de mundo, assim como o Bem no mundo inteligível é a fonte de iluminação intelectual sobre o entendimento do mundo. Quando fixamos a vista em algo iluminado pela verdade e pelo ser, ela compreende a verdadeira essência das coisas, mas quando a

focamos no que está envolto de obscuridade a comprometemos, sendo somente capaz de expressar meras opiniões privadas de inteligência. Portanto, o que possibilita que conheçamos as coisas e enxerguemos a verdade é a Ideia de Bem que fornece a verdade ao sujeito que contempla as ideias, tal como o Sol fornece luz para que o sujeito enxergue os objetos no mundo visível. Ou seja, o que transmite a verdade às coisas é a essência do Bem. Mas além dos olhos que necessitam da luz para a visão, também a alma a necessita:

Acontece o mesmo com a alma: quando fita o mundo que brilha claramente com a luz da verdade e do Ser, a alma conhece e pensa e está dotada de razão. Quando, porém, é o que está envolto nas sombras, o que nasce e morre, que contempla, então gera só simples opiniões, a sua visão é fraca, move-se por tateamentos e assemelha-se a algo carente de razão (JAEGER, 2013, p. 879).

Logo, no mundo inteligível encontramos as formas puras e o Bem, onde se situa o plano da *noesis*, que é a “captação pura das Ideias e do princípio supremo e absoluto do qual todas dependem (isto é, a Ideia do Bem)” (ANTISERI; REALE, 2007, p. 149).

O verdadeiro conhecimento resulta unicamente da compreensão das formas puras, sendo possível alcançá-lo através do exercício da razão. Quando conseguimos entender o Bem, ou melhor, sua forma, sua essência, chegamos ao mais elevado nível de sabedoria, pois “a Ideia do Bem é a fonte da verdade e da cognoscibilidade, e torna cognoscível o mundo cognoscível” (JAEGER, 2013, p. 879).

Posto isto, podemos articular o percurso de transformação pelo qual o educador percorrerá em sua busca da verdade/sabedoria, sendo eles: da *pistis/agnosis* – crença/ignorância passa à *doxa* – opinião (mais elaborada, discurso articulado, mas não justificada racionalmente), e desta à *epistême* – ciência/conhecimento.

O plano da *pistis* ou *agnosis* caracteriza-se pela falta de reflexão, críticas e questionamentos. Tudo é admitido como verdade absoluta: não há o uso da razão para questionar a realidade ao redor. Ao se desvencilhar do plano da mera crença, caminhamos para o plano da *doxa*.

A *doxa* situa-se entre o plano da *pistis/agnosis* e da *epistême*, proporcionando a busca pelo conhecimento que podemos apreender como justiça lógica, uma “opinião verdadeira acompanhada da explicação racional” (Teeteto. 201d), e pela ciência, mas

ainda não em sentido pleno. Neste plano, o educador ainda se encontra no nível das enunciações, da discursividade, se utilizando de hipóteses estabelecidas a partir de intuições sensoriais de figuras visíveis. Porém, pensando nesse processo voltado ao educador, sua construção se dá de forma mais elaborada visando alcançar a sabedoria até que ele chegue ao plano da *epistéme*.

Na *epistéme* é alcançada a transformação no sábio/educador que reconhece todo o campo da realidade a partir da razão e dos sentidos. Há aqui a constituição da educação para o abandono da ignorância. O prisioneiro, ao se tornar sábio, que para nós figura o educador, deve retornar à caverna, superando seu desejo de ficar somente na contemplação do Bem verdadeiro, para indicar o caminho para fora da realidade das sombras, dos simulacros e das aparências. Embora Jaeger recorde que (2013, p. 893):

A repugnância do verdadeiro filósofo em se ocupar dos assuntos humanos e sua ânsia de permanecer nas alturas nada tem de surpreendente, [...] e é perfeitamente compreensível que o filósofo tenha de cair no ridículo, ao regressar deste espetáculo divino às misérias do mundo dos homens.

De acordo com Platão, “o verdadeiro político, não ama o comando e o poder, mas usa o comando e o poder como serviço, para o bem” (ANTISERI; REALE, 2007, p. 164). Destarte, o educador volta à caverna, ao estado onde se encontra a *agnosis* para provocar o movimento de libertação aos que se encontram aprisionados, mesmo correndo o risco de não ser aceito nem ser compreendido.

A *paideia* como conversão para o educador

Podemos compreender a educação, a partir do viés platônico, como movimento de transformação do Ser, que o retira de seu estado de ignorância, do mundo sensível em direção à sabedoria, ao mundo inteligível e ao conhecimento do Bem. Educação esta que contribui para o desenvolvimento da *areté* (excelência) e da natureza do homem para suas funções na *pólis*, pois a edificação da cidade justa é um processo de formação que ajusta as ações individuais com excelência para que se tenha uma cidade excelente, pois ela é reflexo de seus indivíduos conduzidos e libertados pela *paideia*, que leva ao conhecimento do Bem.

De acordo com Jaeger (2003, p. 356), “a natureza [*phúsis* φύσις] é o fundamento de toda a educação possível. A obra educadora realiza-se por meio do ensino [*máthesis* μάθησις], da doutrinação [*didaskalia*] e do exercício [*áskesis* α)/σκησης].” No que tange à natureza do homem, atentemo-nos ao trecho a seguir:

Agora – continuei – representa da seguinte forma o estado de nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens em morada subterrânea, em forma de caverna, que tenha em toda a largura uma entrada aberta para a luz; estes homens aí se encontram desde a infância, com as pernas e o pescoço acorrentados, de sorte que não podem mexer-se nem ver alhures exceto diante deles, pois a corrente os impede de virar a cabeça; a luz lhes vem de um fogo que brilha a grande distância, no alto e por trás deles; entre o fogo e os prisioneiros passam um caminho elevado; imagina que, ao longo deste caminho, ergue-se um pequeno muro, semelhante aos tabiques que os exibidores de fantoches erigem entre eles e o público e por cima dos quais exibem as suas maravilhas (PLATÃO, *Rep.* 514a-b).

De acordo com Jaeger (2013), o primeiro parágrafo do livro VII não é somente uma introdução à alegoria da caverna, mas a uma alegoria da *paideia* e da natureza humana. Ele ressalta ainda que não é somente a alegoria da caverna que se refere à *paideia*, mas também a analogia do Sol, a qual abordamos anteriormente e que nos mostra sua meta suprema: “o conhecimento da ideia do Bem, medida de todas as coisas” (JAEGER, 2013, p. 895).

A alegoria serve para pôr em destaque como nos comportamos face ao objetivo de libertação do conhecimento, pois “a *paideia* não é focalizada aqui do ponto de vista do absoluto, como na alegoria do Sol, mas antes do ponto de vista do Homem: como transformação e purificação da alma para poder contemplar o Ser supremo.” (JAEGER, 2013, p. 895).

Conforme Teixeira (1999), a educação presente na alegoria da caverna está relacionada a uma conversão que proporciona uma mudança de vida e de mentalidade, mas que ocorre durante anos de esforço e perseverança constante. E, segundo Platão:

A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista à alma, pois que esta já o possui; mas com ele está maldispuesto e não olha para onde deveria, a educação se esforça por leva-la à boa direção. (*Rep.* 518d).

A *paideia* está relacionada à vasta amplitude da cultura humana englobando todos os aspectos que concernem ao processo cultural, inclusive a educação. É um sistema integral voltado para sua formação em todos os aspectos concebíveis, levando-o a uma condição de superar os limites biológicos até alcançar as mais elevadas esferas espirituais. Percebemos que o objetivo da alegoria é refletir sobre a possibilidade de o homem conhecer a verdadeira realidade que circunda o seu Ser e, portanto, de chegar à verdade.

Analogicamente, temos como caverna a sala de aula, os “prisioneiros” simbolizam os educandos, ou seja, aqueles que ainda estão aprisionados na própria ignorância – não por, de certa forma, preferirem estar neste plano, mas por não terem despertado a razão crítica sobre a realidade – e, portanto, na ilusão das sombras produzidas pelo sistema educacional. O interior dessa caverna reflete a realidade sensível do senso comum, ocorrendo a falta da crítica e da racionalidade perante as imagens.

O educador, assim como o liberto da caverna, instiga os acomodados para que superem seu estado de ignorância e alienação. Todavia, será que este educador não está também aprisionado em sua própria *agnosis* e, sendo assim, na ilusão das sombras produzidas pelo próprio sistema educacional?

Enkvist (2021) diz que a pedagogia de hoje está mais focada na convivência e na comunicação do que de fato na aprendizagem, afirmando que há uma tendência a suspeitar do ato de ensinar. De acordo com a autora, não há uma preocupação com o fato de todos estarem aprendendo menos, pois se cria uma desconfiança no ato de ensinar e “por não terem metas claras, não cobra dos alunos, o que leva a uma privação de responsabilidade entre os jovens.” (ENKVIST, 2021, p. 66). Criando, assim, uma pedagogia que foca na autonomia do aluno e que projeta o educador como mero facilitador.

Quando se abdica do trabalho sobre as disciplinas³, que são responsáveis pela capacidade de pensamento independente, a educação deixa de ser educação, pois “quando se pretende dar ‘habilidades de pensamento’, ou ensinar o pensamento

³ Sabemos que muitas intenções que amparam as estratégias curriculares desencorajam o pensamento autônomo no lugar de motivá-lo. Um currículo que preze o aprimoramento intelectual deve trabalhar com aquisição de conhecimento organizado, com o desenvolvimento das habilidades intelectuais e pelo desenvolvimento do entendimento, da percepção e apreciação estética.

crítico, sem começar por ensinar conhecimentos, trata-se de um ataque direto à via intelectual.” (ENKVIST, 2021, p. 71). Dentro dessa perspectiva, cria-se assim a “escola anti-intelectual”.

O educador deve ser intelectualmente especialista em sua disciplina, pois esperar que o aluno elabore, construa e reelabore seu próprio conhecimento causa um *déficit* enorme no que tange ao processo de ensino. “É o conhecimento prévio, a atenção e o esforço prolongado que proporcionam o estado de espírito com o qual é possível ‘ver’ algo novo.” (ENKVIST, 2021, p. 73). Desse modo, é do educador que se espera a organização do conhecimento que será alicerce para que os alunos possam compreender o que veem ao seu redor.

A educação consiste numa provocação e num questionamento, tendo o educador como aquele que provoca o educando, assim como o liberto ao regressar à caverna, forçando a desinstalação de seu comodismo perante a falsa realidade em que ele está inserido. Para Platão, o processo educacional consiste em correr atrás de algo que está dentro de nós. Assim como afirma Jaeger (2013, p. 896): “a verdadeira educação consiste em despertar os dotes que dormitam na alma”. Porém, vale ressaltar que o processo do conhecimento é doloroso, pois nos coloca em xeque com fundamentos de opiniões mal formuladas que carregamos por uma vida inteira.

Desta forma, o educador, ao percorrer o caminho do abandono das ilusões em busca da verdade, perpassa os sentidos que a alegoria propõe: no nível ontológico, ele se encontra inserido num certo ambiente, mas deve questionar e refutar o estabelecido, pois não se dá por satisfeito com as aparências/realidade diante de si e a problematiza, a investiga. Esse será o movimento do “despertar ontológico” do educador. No nível gnosiológico, espera-se que o educador esteja em constante busca do conhecimento, pois este permite compreender a realidade. Com isto, ele se constitui a partir de suas relações com a sociedade, percebendo que o desenvolvimento de qualquer pessoa está condicionado à educação, pois ela permite transcender e enxergar devidamente a sua realidade. E, no nível político, implica a responsabilidade do educador colocar o saber adquirido a serviço da transformação da realidade, problematizando o ato educativo no repensar a educação, pois assim se reflete sobre a sociedade.

A educação e a formação dos educadores

A educação enquanto primeiro e fundamental instrumento da formação humana promove a libertação humana de sua ignorância:

[...] A educação consistiria no processo pelo qual o indivíduo consegue “sair da caverna”, e na sua ausência, permanecessem ali os presos acorrentados que olham as sombras projetadas na parede da caverna para o resto de suas vidas⁴ (GUERRERO, 2012, p. 2019, tradução nossa).

Deslocar-se da caverna é um desafio, pois é necessário quebrar paradigmas e superar a *doxa*. A verdadeira ação educacional é aquela que promove o indivíduo e o conduz para o verdadeiro significado de sua existência, à consciência de si e do seu destino. Porém, nota-se ainda que não se dá a devida atenção para este fator tão importante. Observamos uma crise na formação docente que culmina na pouca motivação para exercer a profissão.

Para a política brasileira, a educação ainda não é vista como prioridade, acarretando uma crise na formação dos educadores e, em decorrência, gerando um *déficit* de certas habilidades para o ensino-aprendizagem em sala de aula. Dessa maneira, culminando na pouca motivação para exercer a profissão. Os governantes tendem a priorizar outras esferas, colocando a educação em segundo plano; porém, ela tem que ser projeto principal de um governo, pois como assevera Enkvist (2021, p. 19) “um país que aceita ter professores de baixo nível, que não forma e treina adequadamente seus professores, deve saber que está dilacerando suas crianças e jovens”. Uma sociedade sem uma educação adequada se torna objeto de manipulação ideológica por não conhecer seus direitos e deveres. Uma sociedade educada sabe cumpri-los e exigí-los.

Inger Enkvist (2021, p. 58) diz que, às vezes, é questionável se o ensino é uma profissão respaldada “na combinação de conhecimentos científicos estudados na universidade, experiência prática e aplicação independente e responsável desses conhecimentos”, pois levando em conta o nível dos salários e as incessantes

⁴ “La educación consistiría en el proceso mediante el cual un individuo consigue ‘salir de la caverna’, de modo que, a falta de ella, los prisioneros encadenados que se encuentran mirando las sombras proyectadas en la pared de la cueva, seguirían así para el resto de su vida”.

tentativas de controle sobre os professores, fica evidente que ao olhar dos políticos, eles não são nada além de meros funcionários que devem seguir suas ordens prontamente. Além disso, exigem, por parte dos educadores, a responsabilidade acerca dos resultados de todos os alunos, obrigando o registro do que fazem e a participação em avaliações que convertem a aprendizagem em meros números. A autora assevera que o uso excessivo das avaliações são consequências da politização da educação, em que as autoridades políticas, em vias de demonstrar sua “capacidade de ação” começam a “avaliar a educação”, mas, de fato, estão avaliando os educadores. Dessa forma, os bons educadores, que frente a isso consideram humilhante submeter-se às demandas dos burocratas, acabam por deixar o sistema escolar. Neste movimento, os políticos que se faziam defensores da escola pública acabam por arruiná-la.

É extremamente perceptível que não há o devido respeito para com nossos educadores. Enkvist (2021, p. 26) traça um contraste entre a América Latina e os países asiáticos e a Finlândia sobre esse baixo prestígio, apresentando em sua análise que a profissão docente tem sido concebida – em sua maior parcela – “em termos de horas de trabalho, salário, segurança do servidor público e nada mais”. Dentro dessa perspectiva, a educação, de acordo com sua visão, está presa em um círculo vicioso, o qual:

[...] vêem a profissão como um posto de trabalho qualquer, comparam vantagens e desvantagens; por terem baixos salários, não exigem grandes esforços de si mesmos e se recusam a continuar sua própria formação. Isso fará com que a próxima geração seja mal-educada e, a partir daí, se formarão outros professores que pensarão do mesmo modo (ENKVIST, 2021, p. 26).

Se em um campo hipotético esses aspectos negativos – más condições de trabalho, salários baixos, *status* social baixo e exigências excessivas – fossem corrigidos ou até mesmo eliminados, ainda assim seria necessário um trabalho de formação contínua para com o educador, pois seria um utópico pensar que todos os educadores sejam detentores de todo o conhecimento existente. Em grande parte estes profissionais são formados com uma carga insuficiente de conhecimento, de habilidades intelectuais e de compreensão básica, porém necessária, para sua atuação.

Frente ao sistema educacional atual, uma grande parte de nossos educadores não são autores, não são cientistas, não são pesquisadores e por isso “só dão aula”⁵. Aulas e conteúdos encontramos por todo lado graças à *internet*. O que observamos dentro das escolas é um processo de “passar ou repassar informação”, o que não tem dado resultado. O educador não é um mero fornecedor de aulas, mas um assegurador de aprendizagem, aquele que amplia o conhecimento do aluno e desenvolve suas competências.

O educador por si só não faz a escola, mas sem um educador bom não há escola. Diante disso, faz-se necessário uma formação permanente e adequada, proporcionando ao educador um contínuo estudo para que compreenda o impacto emancipatório da educação, que é a educação científica, o ser pesquisador, o ser autor, fazendo com que possua o domínio para produzir seu material didático e não cair na repetição e dar uma aula somente a partir do que outros já disseram. Ele poderia introduzir sua produção no uso escolar, instigando a busca de autoria e da produção de conhecimento na escola.

O ser, o agir e o pensar do educador no Brasil

Ser educador no Brasil é uma profissão desafiadora em vista das dificuldades existentes sob o ponto de vista do trabalho, da formação inicial e da formação permanente e de salário que, conseqüentemente, geram sua desvalorização social.

Quanto às condições de trabalho, ainda há um grande desafio relacionado à infraestrutura das escolas do Brasil que precisa ser vencido. Observamos escolas que não possuem carteiras e nem lousas e nas que possuem, em grande parte estão deterioradas de forma que impossibilitam seu uso efetivo. Há escolas em que o espaço físico se encontra em péssimas condições e não há investimento em vista de sua melhora: faltam laboratórios e material didático e, em determinadas situações, os professores precisam tirar do seu próprio bolso para terem materiais suficientes para todos os educandos para as aplicações de provas, trabalhos, entre outros.

⁵ Compreendemos aqui que muitos dos educadores do nosso país “somente dão aulas” porque sofrem uma sobre carga de trabalho intensa. Sabemos que muitos quando finalizam o “expediente escolar” ainda o continuam em suas casas. Isso ocasiona um desestímulo ao trabalho de pesquisa desse educador, que por sua vez, reflete em suas aulas.

Além disso, os professores sofrem com alunos cada dia mais agressivos, sendo coagidos e sofrendo agressões físicas; dentro dessa situação, sentem-se “inúteis”. Essa falta de respeito faz com que passem a refletir e se questionar se o que estão fazendo possui realmente valor. Esta situação em que o educador é exposto acaba por adoecê-lo, causando *stress*, desgaste mental, fazendo com que necessitem recorrer ao uso de medicamentos e, em casos mais graves, desenvolvem problemas de cunho psicológico que os levam a se afastar da escola.

Evocando a fala de Enkvist (2021, p. 72), em relação aos jovens que não querem se adaptar ao ambiente escolar, ela retrata que a decisão das autoridades sobre tal contexto é que seja solucionado pelos professores e que, para descrever como é o ambiente em certas escolas, “é comum aconselhar os novos professores a nunca dar as costas para a turma”. A autora retrata também que o ensino e a aprendizagem não podem funcionar em um estado de rebelião, insultos e violências e alerta que “devemos agir contra a violência verbal, porque, do contrário, pode se transformar em violência física” (ENKVIST, 2021, p. 73).

O profissional da educação de nosso país ainda carece de um bom plano de carreira para se ver motivado em seu exercício. Um plano que dê condições para que este profissional cresça em sua área, mas que, ao mesmo tempo, consiga dialogar com seu tempo em sala de aula, pois de nada adianta oferecer uma formação continuada, mas que, ao mesmo tempo, “sufoque” o educador.

Muitas vezes, o que se escuta dos educadores sobre o tempo de formação pelos corredores das escolas carrega uma carga negativa: de um lado, há os que veem essa formação como irrelevante, pois de nada irá somar à sua carreira; de outro, os que, sobrecarregados com as obrigações da escola, “participam” por medo de sofrerem alguma penalidade, pois com todo o acúmulo de trabalho, veem este tempo de formação como desperdício e atraso em suas obrigações.

Os salários dos professores ainda são relativamente baixos comparado às demais profissões, o que, de certa forma, desmotiva o ingresso na profissão e causa o desprestígio social – além do que já foi elencado anteriormente –, em nossa sociedade, já que parte do *status* de uma profissão está atrelado a seu poder econômico. Deste modo, o tornar-se educador soa socialmente como “não conseguiu fazer outra coisa melhor”.

Constata-se que as problemáticas em torno do educador possuem muitas variáveis que precisam ser trabalhadas em conjunto, e por mais que se evidencie uma complexidade nas resoluções dessas tratativas, temos que levar em conta que o Brasil é um país grande e, portanto, deve lidar com seus problemas mais complexos.

Considerações Finais

Este trabalho é um convite à reflexão para compreender a constituição do ser educador e sua representação, buscando em sua prática educativa compreender seu processo formativo, traçando um paralelo sobre a condição da educação como caminho para pensar se seu papel tem levado à missão de libertador da caverna, de libertador do estado de ignorância do indivíduo.

A alegoria se faz enquanto processo educativo e formativo que implica o processo de transgressão da caverna e a libertação dos grilhões da ignorância para a ascensão à razão visando a contemplação do Bem. Para alcançar essa contemplação é necessário um processo de depuração, de purificação moral, de se desgarrar das meras opiniões e galgar o movimento de saída do mundo visível em direção ao mundo inteligível, em busca do conhecimento verdadeiro.

Dessa maneira, a educação se torna parte inquestionável da formação humana, pois proporciona uma mudança de vida, de pensamento, e o educador se torna aquele que causa a provocação, que cumprirá a missão da educação de instigar os outros a despertarem, assim como o liberto ao regressar a caverna, forçando a desinstalação de seu comodismo perante a falsa realidade.

As implicações refletidas nos permitiram estabelecer relações que culminam no processo educacional de formação do ser, na formação profissional, na fragmentação do saber, na queda do ensino e na relação educador e educando. São formados – em boa parte – profissionais desinteressados, não capacitados para entender a complexidade da realidade educacional. Se forma um profissional que não percebe a escola como espaço onde o educador deve entender o impacto da educação na sociedade.

Nesta perspectiva, é imprescindível que se tenha uma formação adequada, na qual se reflita a importância da educação, a especificidade de seu processo e como isto implica em uma escola atrelada a boas condições de trabalho e salários.

A prática educativa que leve em consideração esse pressuposto irá fornecer ferramentas ao educador para que ele entenda a realidade cada vez mais e possa se constituir na condução ao conhecimento a aqueles que ainda estão aprisionados na própria ignorância. Vale salientar que o educador não conseguirá libertar a todos, pois há os que preferem viver no mundo da ignorância a passar pelo processo de dor causado quando se quer alcançar o mundo inteligível. Frente a isso, não se pode criar frustrações, pois estas podem obscurecer a visão e levá-los ao nível da ignorância novamente.

A profissão de educador, quando bem-feita, transforma a vida de um aluno e é preciso valorizar esse intento. Mesmo dentro do cenário negativo que podemos evidenciar no sistema educacional de nosso país, possuímos uma gama de excelentes educadores. Posto isso, as reflexões tratadas são apenas um dos pontos de partida, uma das análises possíveis sobre esta questão que deve ser aprofundada.

Referências

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**. Vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

ENKVIST, I. **O complexo ofício do professor: conselhos para uma educação de qualidade**. Trad. R. Harada. Campinas: Kíron, 2021.

GUERRERO, A. El mito de la caverna y la educación. **Eikasia Revista de Filosofia**, n. 99, abr./2021, p. 217-234. Disponível em: <https://revistadefilosofia.org/99-10.pdf>. Acesso em: 10.abr.2021.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. A. M. Parreira. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PLATÃO. **A república**. Trad. e org. J. Guinsburg 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. C. A. Nunes. Vol. IX. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

TEIXEIRA, E. F. B. **A educação do homem segundo Platão**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1999.

Recebido em: 18.03.2022.
Aprovado em: 11.08.2022.